

Um pouco de história: a trajetória dos estágios no curso de Psicologia, unidade Coração Eucarístico, da PUC Minas

*Márcia de Mendonça Jorge**

*Maria Helena Camargo Moreira***

*Mário Lúcio Vieira da Silva****

*Maristela Costa de Andrade*****

Resumo

Este trabalho volta-se para os estágios curriculares realizados no curso de Psicologia da PUC Minas, na unidade do Coração Eucarístico. Parte de uma concepção geral sobre a importância do estágio na formação acadêmica e procura caracterizar como os programas de estágios curriculares foram elaborados e as diversas modificações por que passaram ao longo dos 50 anos de existência do curso. Nesse percurso, situa-os em relação às propostas pedagógicas vigentes e aos momentos históricos e políticos que influíram na sua organização. Assim, busca também indicar como a formação profissional em Psicologia é considerada nos momentos abordados. Fundamenta-se nas propostas curriculares desenvolvidas, em alguns trabalhos que abordam essa história e, sobretudo, na experiência vivida pelos autores que, em diversos momentos, assumiram a coordenação dos estágios do curso de Psicologia da PUC Minas, na unidade do Coração Eucarístico.

Palavras-chave: Estágio Curricular; Estágio; Psicologia; Formação em Psicologia.

Em razão de suas características, o estágio contém potencialidades essenciais para a formação acadêmica, algumas das quais merecem ser destacadas. Pensando no tripé que constitui o fazer acadêmico, ensino-pesquisa-extensão, o estágio está presente em todas essas dimensões e pode, até mesmo, potencialmente, servir como elo entre elas. Por ser uma atividade desenvolvida em contexto real de atuação, supõe atitude investigativa diante

* Vice-coordenadora de estágio, mestre em Psicologia Clínica, e-mail: marciamjorge@gmail.com.

** Coordenadora de estágio no período de 1998 a 2000, mestre em Ciências Sociais, e-mail: mahecem@uol.com.br.

*** Coordenador de estágio no período de 1980 a 1998, graduado em Psicologia, e-mail: mariolvs@terra.com.br.

**** Coordenadora de estágio, mestre em Psicologia, e-mail: ostandrade@terra.com.br.

dos problemas da prática, que, nessa mesma medida, exigem uma análise dos pressupostos teóricos que possam embasar as intervenções. Tais problemas, por sua vez, podem servir como ponto de partida para a formulação de novos projetos de pesquisa e produção de conhecimentos.

Visto por outra ótica, o estágio redimensiona os papéis de professor e aluno, rompendo a tradicional hierarquia, muitas vezes vivenciada em sala de aula, em que o primeiro é tido como aquele que sabe e transmite o saber para os outros, não sabedores. Em situação de estágio, tais papéis devem solidarizar-se em torno da compreensão e encaminhamento de problemas que, não raro, constituem desafio para ambos. Dessa forma, o estágio pode superar vícios muitas vezes presentes nas relações ensinantes-aprendentes, em que o conhecimento transmitido se reifica, na forma de repetição, em detrimento da crítica e da inventividade.

E mais: como corolário do fato de o estágio constituir-se num fazer compartilhado entre professor e aluno em torno de problemas a serem desvendados, tal condição, implícita ou explicitamente, requer a formulação de novos parâmetros e princípios de avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Pelas razões expostas, podemos considerar o estágio como uma modalidade de formação que, por sua natureza, contém potencialidades de integração, tanto no plano intra-acadêmico como também das relações entre universidade-sociedade. Assim posto, em qualquer análise de projetos, as atividades de estágio devem levar em consideração a conjuntura da universidade, nos aspectos de princípios norteadores da instituição e de sua organização administrativa, bem como a sociedade, no que se refere a demandas sociais emergentes, campos de atuação, metodologias vigentes, que constituem o campo de implementação das práticas de estágio.

Para que o estágio efetive as potencialidades descritas, do ponto de vista da universidade, devem ser levadas em conta não só a cultura da instituição, traduzida em valores, práticas, princípios pedagógicos e epistemologias, como as condições materiais de implementação, como horas disponíveis para professores, locais apropriados para supervisão, entre outros.

Outro ponto a ser considerado, que se depreende das considerações acima, é de que o estágio não se confunde com prática; na verdade, a suplanta, conforme o confronto com problemas existentes ou decorrentes da atividade presencial em contextos concretos de atuação não é compatível com a mera repetição ou aplicação de conhecimentos previamente transmitidos nas

atividades de ensino. Estágio supõe práxis, isto é, prática refletida, muitas vezes reformulada, refeita e nem sempre compatível com os resultados esperados.

A história do estágio no curso de Psicologia

Como bem lembra Patto (2003), a História não pode ser comparada a um mero varal de fatos. Assim posto, deve abdicar-se da compreensão de linearidades supostas dos fatos e admitir a dialeticidade dos desafios e conflitos presentes nas práticas e campos de atuação, portanto também no fazer do estágio. Por sua vez, lembra Ferreira Neto (2004), o termo “psicologia”, geralmente empregado no singular, deve ser pensado como “campo de dispersão”, expressão de Garcia-Roza mencionada pelo autor, isto é, um campo que abriga heterogeneidades, pontos de vista teóricos por vezes conflitantes, epistemologias díspares.

E lembrar ainda, parafraseando Freire (1983), que texto e contexto se entrecruzam – aqui traduzidos, de uma parte, como práticas, procedimentos, ideias, teorias produzidos – e, de outra, como campos e momentos históricos em que se constroem. Dessa forma, inspirando-nos em tais princípios, procuramos recobrar os momentos de formulação e efetivação dos estágios no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade Coração Eucarístico, tendo em vista o contexto da Universidade e as demandas sociais postas para o psicólogo nos momentos destacados.

Se é possível uma periodização da implantação dos estágios no curso de Psicologia, pode-se considerar que, até os anos 80, as atividades desenvolvidas eram esparsas, não integravam um programa propriamente dito. Por força mesmo da legislação que regulamentava, à época, a formação em Psicologia, os alunos deveriam cumprir uma determinada carga horária de estágio, sendo que os primeiros currículos do curso de Psicologia da PUC Minas cumpriam essa exigência, sobretudo por meio de duas estratégias: uma delas, deixando a cargo do aluno encontrar um local para a realização dos seus estágios que, então, eram reconhecidos como válidos para as exigências do curso, a partir de um relatório geral das atividades desenvolvidas. Nesse caso, a supervisão do estágio, uma das condições para que como tal fosse considerado, acontecia de forma independente do próprio curso, realizada, por vezes, pelo profissional psicólogo responsável pelo campo onde o aluno realizava as suas atividades como estagiário. A outra estratégia consistia em o aluno atuar junto ao SIPUC (Serviço do Instituto de Psicologia da Universidade Católica), que prestava serviços à comunidade, sobretudo serviços de seleção profissional, após o cumprimento de uma certa parte do currículo. O SIPUC era também responsável pela elaboração dos “laudos psicológicos” a que se submetiam

os aspirantes aos cursos de Psicologia, Serviço Social e Enfermagem. Esses aspirantes só poderiam ter acesso ao concurso de vestibular desses cursos se tivessem indicação favorável no laudo psicológico. Os alunos do curso de Psicologia, então, estagiavam nesse Serviço, sendo acompanhados pelos profissionais psicólogos que lá atuavam.

A partir de uma mudança curricular implantada (Andrade, 1989), procurou-se dar uma maior formalização aos estágios obrigatórios do curso. A nosso ver, a mudança pretendida objetivava maior formalização e normalização das atividades que eram desenvolvidas pelos alunos, ligando-as diretamente ao currículo. As principais características desse momento dos estágios no curso de Psicologia da PUC Minas estão apresentadas no trecho seguinte, do artigo de Silva (1993), “O estágio no Departamento de Psicologia da PUC Minas”:

Embora partisse de uma definição dos estágios como treinamento e prática profissional supervisionada, o funcionamento vinculou os estágios a quinze disciplinas teóricas do curso. Tal vinculação afastava quase que por completo a possibilidade de os estágios se referirem a situações reais de trabalho do psicólogo, uma vez que o elemento de referência central era a disciplina teórica. Tal enfoque artificializava, fragmentava e empobrecia os estágios, que passavam a cumprir somente a finalidade de “ilustrar” a teoria. Ou seja, perdia-se toda a riqueza de uma prática profissional nos seus aspectos de amplitude, instigação a novos questionamentos e articulação com conhecimentos mais abrangentes da Psicologia e áreas afins. Apêndice de uma disciplina teórica, por si mesmo limitada e fragmentada dentro de um currículo, o estágio nunca poderia cumprir um papel importante na formação profissional. (p. 40)

Segundo Witter e outros (2005), verifica-se, na década de 1980, nas instituições formadoras, a tendência de associação entre os estágios e as disciplinas teóricas, o que, na opinião dos autores, *favorece sobremaneira uma melhor integração entre teoria e prática* (p. 58).

No caso do curso de Psicologia da PUC Minas, essa perspectiva dos estágios, embora viesse a conformá-los dentro de uma proposta curricular e, assim, criar a possibilidade de uma avaliação e controle, traduz, por outro lado, uma certa desvinculação entre a formação e as necessidades da sociedade. A consideração da profissão como algo à parte da sociedade constituía, de fato, uma tendência dessa época, tal como apontado por Sílvia Leser de Melo (1996), em “A formação do

psicólogo”. No entanto, já se notavam focos que, de certa forma, vinham questionar essa tendência ao fermentar reflexões sobre o papel social do psicólogo e promover a discussão de propostas mais ousadas para o estágio curricular. Essa tendência se verificava na academia, como reflexo de uma situação mais ampla vivida pelos psicólogos que, abandonando a quase exclusividade de sua prática nos consultórios particulares, passaram a frequentar os equipamentos públicos, as escolas, as unidades de saúde, abrindo-se para uma questão de absoluta importância, qual seja, a função social do psicólogo e do compromisso com as camadas mais pobres da sociedade.

Vale assinalar, pois, que, no Brasil, até por volta dos anos 80, a Psicologia era exercida, hegemonicamente, nos consultórios privados. Para o desenvolvimento de competências relacionadas a tal campo de atuação se direcionava o currículo do curso de Psicologia. Todavia, ao final da década, e ao longo da década seguinte, ampliou-se significativamente o leque dos campos de atuação e práticas do psicólogo. Mudanças na conjuntura da sociedade, particularmente no escopo jurídico dos direitos de cidadania e dos titulares destes repercutem na organização dos cursos de formação universitária. Veja-se a respeito a formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) e da lei sobre a Reforma Psiquiátrica (Brasil, 2001), entre outras. Sob tal ordenamento jurídico, foram criados novos serviços, modalidades de atendimento e programas sociais que passaram a demandar a ampliação da equipe profissional, em cuja configuração se incluía o psicólogo. Assim, alguns professores responsáveis pelas disciplinas de estágio (note-se, ligadas às disciplinas teóricas), começaram a desenvolver trabalhos fora da universidade, buscando situações em que os alunos pudessem “praticar” a Psicologia que “aprendiam” nas aulas. Ainda que tal posição seja visivelmente restritiva, significava um avanço em relação às possibilidades de se fazer uma Psicologia socialmente contextualizada. Exemplo desse momento são as propostas de estágio que passaram a ser realizadas em escolas e creches, sobretudo resultantes de demandas direcionadas ao curso por instituições externas ou proposições dos professores, desenvolvidas por decisão e iniciativa destes, inspiradas por afinidades pessoais e ou pelas disciplinas teóricas ministradas.

A possibilidade de contar com novas formas para a realização dos estágios trouxe ao curso uma série de questionamentos relacionados ao papel social do psicólogo, à organização curricular, à função da supervisão, à integração teoria-prática, entre outros questionamentos que, sem dúvida, constituíram fundamentos para se pensar em uma nova estrutura de currículo, elaborada ao longo de cinco anos e implantada em 1988.

Uma parte significativa da nova proposta curricular foi dedicada à questão dos estágios. Partindo de uma avaliação do programa que vinha sendo desenvolvido, incorporando as novas práticas que estavam sendo desenvolvidas e fundamentada em um novo perfil para o psicólogo face às demandas sociais e a ampliação do campo de trabalho, uma nova proposta foi elaborada, integrando o “Projeto de reformulação do currículo do curso de Psicologia da PUC Minas”, de 1987. A descrição mais detalhada da proposta pode ser encontrada no referido Projeto, bem como no artigo de Silva (1993), “O estágio no Departamento de Psicologia da PUC Minas”, em que podem também ser notadas as primeiras dificuldades e modificações imprimidas após a sua implantação. As principais características da proposta podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- rompeu com a vinculação dos estágios às disciplinas teóricas;
- os estágios passaram a ser oferecidos a partir do quinto período do curso;
- contemplaram uma variada gama de atividades, organizadas segundo o nível de complexidade;
- as atividades passaram a ser oferecidas por meio de projetos detalhados (objetivo, relevância, metodologia, cronograma, recursos necessários e forma de avaliação), permitindo uma análise de sua pertinência pelo Colegiado de Coordenação Didática;
- o número de supervisores alocados em cada projeto tornou-se variável, conforme as características dos projetos e do número de alunos interessados;
- o número de horas de supervisão também variou por causa das características do projeto;
- o aluno passou a ter de cumprir, semestralmente, dois projetos de estágio, cobrindo as três ênfases então ofertadas pelo curso (Clínica, Educacional e Organizacional), exceto nos dois últimos períodos, quando se concentraria nos projetos da ênfase de sua escolha;
- os projetos, de acordo com sua especificidade, puderam ter a duração de um ou dois semestres letivos.

Comenta Silva (1993), a respeito das modificações mencionadas:

As modificações introduzidas pela proposta de estágio do curso de Psicologia da PUC Minas vão além de reformas superficiais, buscando, através de uma estrutura mais flexível, sintonia com a atualidade e compromisso com a maioria da população. Isto implica

o rompimento ainda que gradativo com o modelo dominante, conforme definido por Francisco e Bastos no artigo “Conhecimento, formação e prática – o necessário caminho da integração”. (p. 43)

No entanto, a tendência verificada na reformulação curricular de 1987 no curso de Psicologia da PUC Minas corrobora a observação de Witter e outros (2005), na pesquisa em que analisa a formação e o estágio acadêmico em Psicologia no Brasil. Ali, considera que, na década de 1980, “houve uma tendência no sentido de equilibrar a atenção dada às áreas tradicionais que usualmente privilegiavam a clínica (atendimento individual) e de começar uma diversificação da oferta” (p. 50). Mais adiante, na mesma página, comenta que “as mudanças foram para redistribuir a carga entre clínica, escolar e organizacional de forma mais equitativa, ou mesmo para conseguir um tempo para estas últimas”. Porém, no caso do curso de Psicologia da PUC Minas, houve mais do que uma preocupação com o equilíbrio na oferta de atividades de estágio entre as áreas¹; percebeu-se um olhar mais atento sobre as questões da sociedade e sobre as possibilidades da atuação do psicólogo em relação a essas questões. Assim, o leque de atividades de estágio foi substancialmente modificado em relação ao que vinha acontecendo. Abaixo, exemplo de algumas das atividades propostas pelos estágios:

- atuação comunitária em um bairro da periferia de Belo Horizonte, integrado às instituições sociais que servem à população;
- atendimento a creches comunitárias;
- assessoria à administração e atendimento à população de idosos asilados;
- atendimento a crianças com dificuldades de aprendizagem que procuram o setor de saúde mental de um posto de atendimento municipal;
- implantação da pesquisa e diagnóstico de necessidades em pequenas empresas;
- atendimento a pacientes internados em enfermarias de um hospital de pronto-socorro;
- desenvolvimento de práticas de intervenção psicossociológica em instituições educacionais;

¹ Ferrari (2005) realizou uma pesquisa com egressos do curso de Psicologia da PUC Minas que cumpriram as exigências do currículo implantado em 1988, portanto referente à proposta de estágio que é enfocada nesta parte deste artigo. Ainda que uma das preocupações com a reforma curricular tenha sido o de buscar um equilíbrio entre as atividades e disciplinas referentes às três ênfases ofertadas pelo curso, os egressos pesquisados, quando indagados sobre a importância dos estágios curriculares realizados, destacaram os estágios relativos à área clínica como sendo “os mais importantes para a sua atuação profissional”.

- desenvolvimento de projetos de administração de recursos humanos nas organizações.

Vale ressaltar que se procurava evitar o que Melo (1996) chamou de artificialismo nas condições para a realização das atividades práticas. Nas suas palavras, “Um dos aspectos artificiais da formação é o estágio em pequenos centros criados para esse fim dentro das próprias escolas, onde é quase sempre o psicólogo a figura principal e é quase nulo o trabalho de equipe, condição constante para atuação do psicólogo em instituições abertas ao público” (p. 15).

Em 2003, foi proposto um novo projeto político-pedagógico para o curso, com a pretensão de não apenas formar um psicólogo apto para o mercado, mas um psicólogo com competências e habilidades para produzir seu próprio espaço de trabalho. Para compreender as necessidades psicossociais, o psicólogo precisaria ter competência para ler a realidade social e colocar-se numa posição ativa que o levasse a processar os problemas e elaborar projetos exequíveis que deveriam ser constantemente avaliados e aprimorados. Nesse sentido, o novo currículo do curso de Psicologia avançou, “buscando a integração possível entre investigação científica, teorização, vivência pessoal e prática profissional”. A formação do psicólogo no contexto desses novos modelos colocou em situação de destaque as atividades de estágio, que “representam atividades de formação do psicólogo que se caracterizam pelo exercício de um conjunto de atividades nas quais o estudante lida com situação real de atendimento, programada e diretamente supervisionada por professor da Universidade, configurando uma prestação de serviço à sociedade” (Projeto Educacional, 2003, p. 81).

O estágio constituiu-se, então, em parte essencial e privilegiada da aprendizagem e da formação com qualidade do aluno. Dessa maneira, os estágios no novo currículo, na sua concepção, buscaram explorar ao máximo toda a riqueza da prática na situação real, instigando novos questionamentos e articulando com os conhecimentos mais abrangentes da Psicologia e de áreas afins, constituindo-se no espaço primordial da interdisciplinaridade.

Os alunos atuam no campo profissional (clínicas, escolas, empresas, hospitais, comunidades etc) atendendo pessoas, grupos de pessoas, instituições, organizações e comunidades. A relação que aí se estabelece é um dos aspectos mais importantes de qualquer atendimento ou intervenção em Psicologia, e diz respeito à ética profissional. Fundamento de toda intervenção psicológica em qualquer campo de aplicação, é objeto de especial atenção e cuidado, do ponto de vista do aluno, no atendimento, e do ponto de vista do professor, na supervisão.

Os estágios do curso de Psicologia são desenvolvidos através de variados projetos que cumprem sempre as duas funções implícitas na definição de estágio: a formação do aluno e a prestação de serviços. “Alguns projetos podem dar prioridade à formação e desenvolvimento de competências e habilidades; outros, à prestação de serviços” (p. 81, Projeto Educacional, 2003). Em todos os projetos, a ênfase é dada na relação ética do aluno com aqueles a quem são oferecidos os serviços, buscando uma atitude reflexiva e crítica frente ao exercício da profissão e frente à sociedade para a qual presta seu serviço.

Os professores estão em permanente contato com as instituições e locais de atendimento para formalizar o estágio, orientar os dirigentes e funcionários das instituições quanto aos projetos de estágio e às condições para seu bom funcionamento, orientar e supervisionar os alunos no próprio local, caso seja necessário, acompanhar e avaliar o seu funcionamento.

As atividades de estágio variam de complexidade, a partir do nível básico até o nível dos estágios profissionais, numa progressão de leitura, observação, pesquisa, investigação e diagnóstico até os diferentes níveis de intervenção, como entrevistas, avaliação psicológica, psicoterapia, treinamento, seleção profissional, orientação profissional e de carreiras, acompanhamento terapêutico, psicopedagogia, psicomotricidade, etc. A supervisão, parte integrante do estágio, é entendida como a orientação direta ao aluno, referindo-se ao planejamento das atividades, ao contato com as instituições envolvidas, ao acompanhamento do atendimento aos clientes, à avaliação do fluxo e da qualidade das atividades, ao trabalho em equipe com outros supervisores.

Na supervisão, o grupo formado por professor e alunos “reflete sobre uma experiência vivida, analisa teoricamente as questões que a prática suscita, integra conhecimentos, repassa as implicações pessoais da situação experienciada e define rumos para o andamento do trabalho” (p. 81, Projeto Educacional, 2003).

Concluindo, a trajetória dos estágios no curso de Psicologia da PUC Minas da unidade Coração Eucarístico reflete a conjuntura do processo de ensino-aprendizagem e de formação de psicólogos em cada momento histórico no contexto de nossa sociedade e de nosso País. Acreditamos que os profissionais e professores responsáveis pela discussão e definição do currículo do curso de Psicologia sabem que a formação de profissionais na Universidade é tarefa que demanda permanente análise, reflexão, discussão e construção.

Referências

Andrade, M. C. (1989). *A história da Psicologia na PUC Minas: fundação e desenvolvimento*. Relatório de Pesquisa, FIP-PUC Minas, Belo Horizonte.

Brasil (Presidência da República). Lei número 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*, 16-7-1990.

Brasil (Câmara dos Deputados). Lei Federal número 10.216. Dispõe sobre a proteção e direitos das pessoas portadoras de transtorno mental e redireciona o modelo assistência. *Diário Oficial*, 6-4-2001.

Ferrari, I. F. (2005). *A formação e a inserção dos egressos do curso de Psicologia da PUC Minas, unidade Coração Eucarístico, no período de 1993 a 2002*. Projeto de pesquisa – PUC Minas, Instituto de Psicologia.

Ferreira Neto, J. L. (2004). *A formação do psicólogo*. Clínica, social e mercado. São Paulo: Escuta.

Freire, P. (1983). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.

Melo, S. L. (1996). A formação do psicólogo. *Cadernos de Psicologia*, v. 4, n. 5, dezembro.

Patto, M. H. S. (2003). O que a história pode dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-Educação. In: Bock, Ana M. Bahia (Org.). *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (2003). Projeto Educacional do Curso de Psicologia – Unidade Coração Eucarístico. Belo Horizonte: PUC Minas.

Silva, M. L. V. (1993). O estágio no Departamento de Psicologia da PUC Minas. *Cadernos de Psicologia*, ano 1, n.1, junho.

Witter, G. P. *et al.* Formação e estágio acadêmico em Psicologia no Brasil. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo Brasileiro, construção de novos espaços*. Ed. Alínea, 2005.